

CONSELHO NACIONAL DE PESQUISAS
INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA
BOLETIM DO MUSEU PARAENSE EMÍLIO GOELDI
NOVA SÉRIE
BELEM - PARÁ - BRASIL

ANTROPOLOGIA

N.º 20

MAIO, 28, 1964

NOTÍCIA SOBRE OS ÍNDIOS GAVIÕES DE OESTE (*)
— RIO TOCANTINS, PARÁ —

EXPEDITO ARNAUD (**)
Museu Goeldi

Pela denominação de *Gaviões*, são conhecidos os índios integrantes de duas tribos *Timbira* (1) hoje distintas: a dos *Gaviões de Leste* (Pukóbye, Piocobgez, Paicogês), que habita os campos de Grajaú, no Estado do Maranhão, e a dos *Gaviões de Oeste ou da Mata*. A separação, segundo Nimuendaju (1946:20), ocorreu, provavelmente, após 1850, data aproximada do estabelecimento definitivo dos neobrasileiros nessa área. Uma parte da tribo (*Gaviões de Oeste*), não confiando

(*) — No presente artigo, registramos aspectos da *cultura Gavião*, investigados durante a pesquisa de campo que realizamos, em setembro de 1962, junto ao grupo-local assistido pelo Posto do S.P.I., situado à margem direita do rio Tocantins, quase em frente à cidade de Tucuruí (antiga Alcobaça). Ao mesmo tempo, focalizamos a situação do grupo após dois anos de contato permanente com a sociedade nacional.

O histórico dos fatos ocorridos depois de 1937, foi baseado em documentos existentes no arquivo da 2.ª Inspeção Regional do S. P. I., em Belém do Pará, e em observações pessoais colhidas por ocasião de viagens que realizamos à mencionada região, a partir de 1949, como Inspetor do S. P. I.

(**) — Bolsista do Conselho Nacional de Pesquisas.

(1) — Nimuendaju (1946:6), classifica os *Timbira* em quinze tribos distintas, a saber: "TIMBIRA ORIENTAIS: — *Grupo do Norte* — 1. *Timbira de Araparytina* (Gurupy). — 2. *Kreyé de Bacabal*. — 3. *Kukókamekra de Bacabal*. *Grupo do Sul* — 4. *Kreyé de Cajuapara*. — 5. *Krikati*. — 6. *Pukóbye*. — 7. *Gaviões de Oeste ou da Floresta* (?). — 8. *Kre'pu'mkatéye*. — 9. *Krahô*. — 10. *Pörekamekra* (?). — 11. *Kenkatéye*. — 12. *Apa'nyekra*. — 13. *Ramkô'kamekra*. — 14. *Ca'kamekra*. TIMBIRA OCL-
DENTAIS: — 15. *Apinayé*."

na paz que lhe teria sido aberta ou proposta, preferiu internar-se na mata a fim de escapar da civilização.

Os Gaviões de Oeste, tinham seus aldeamentos disseminados pelos territórios compreendidos, desde a margem direita do médio Tocantins, até às cabeceiras dos formadores do Capim. (2) Suas incursões, na zona tocantina, atingiam uma frente de quase 180 quilômetros, entre 3° e 5° de latitude sul, ou seja, do Igarapé Arumateuasinho, no atual Município de Tucuruí, até o Rio Jacundá de Cima, em Marabá, nos limites do Pará com o Maranhão.

Três frentes principais de penetração nacional se evidenciam nessa área. A dos caucheiros surgida na última década do século passado. A dos coletores de castanha, a mais importante, que começou a fazer-se sentir após 1910. E, finalmente, a constituída por garimpeiros de diamante e cristal de rocha, que veio a estabelecer-se por volta de 1940. (3)

(2) — Ribeiro (1947:73) — Gaviões (1.500 a 2.000). Vivem nos campos que confrontam as matas da margem direita do médio Tocantins, entre Marabá e Jacundá, no sueste do Estado do Pará (Isolados). — Malcher (1958:23) — Gavião (Pucobiê). Margem direita do Tocantins, nas matas do Jacundá e Mãe Maria. Incursionam até o igarapé Arumateuasinho (fronteiro a Tucuruí). — De um documento existente no arquivo da 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I., extraímos, também, a respeito da localização dos Gaviões, o seguinte trecho: "Requerimento de 8/10/1943... Os serviços de atração e pacificação dos índios dessa região, isto é, da margem direita do rio Tocantins, estão planejados e já parte iniciados da seguinte forma: 1.^o Posto-Terras requeridas em outubro de 1941, e que aguardam aprovação do Sr. Presidente da República, situadas no Município de Marabá, entre os igarapés Fleixeiras e Jacundá de Cima. 2.^o nas terras requeridas e que continuará os trabalhos no Ambaua; e um 3.^o posto nas cabeceiras do rio Ararandeuá, formador do rio Capim, e que será localizado em janeiro vindouro no igarapé Garrafão, afl. da margem esquerda daquele primeiro rio." No fim do ano passado, o encarregado do Posto do S.P.I., do Ambaua, em companhia de 4 índios Gaviões, empreendeu uma viagem com a finalidade de alcançar a antiga aldeia do grupo. Segundo esclareceu, caminharam sempre rumo a leste, atravessaram uma zona de campo, transpuseram as cabeceiras do Moju, e já prosseguiram rumo ao Capim quando, por falta de suprimento alimentar, retornaram sem alcançar o objetivo. No decorrer da viagem encontraram vários acampamentos abandonados.

(3) — A respeito, veja-se Vergolino Dias (1958).

A partir da primeira fase de penetração até 1959, conflitos armados foram-se sucedendo entre os Gaviões e os invasores de seus territórios tribais. Os intensos tiroteios que, segundo informantes, efetuavam os coletores no comêço das safras de castanha, com a finalidade de "afugentar os índios", e, as expedições punitivas, empreendidas contra seus acampamentos, provocavam o revide dos silvícolas, tornando-se mais tensa a situação. Os Gaviões, comenta Nimuendaju (1946:20), eram então reputados como de grande agressividade, principalmente na cidade de Marabá, situada na confluência do rio Tocantins com o Itacaiúna, e centro de negociantes de borracha e castanha, cuja população pedia, constantemente, o extermínio da tribo.

Em 1895, no entanto, os Gaviões estiveram "convivendo pacificamente com Raymundo Liarte, na boca do Taiury, um pouco abaixo da cidade de Marabá, havendo três deles visitado o Pará." (4) E, por volta de 1912, se encontravam em boas relações com Manoel da Matta, na mesma localidade." (Nimuendaju, 1946:20). — Nos dias que decorrem, antigos habitantes da região, ainda fazem comentários acerca das relações de amizade mantidas entre os Gaviões e Messias José de Souza, possessor da gleba denominada Mãe Maria (5); e, em documentos do S.P.I., encontramos, também, as seguintes referências a respeito: "Junho de 1943... ataque de índios Gaviões na localidade Mãe Maria... tomando providências necessárias veio pessoalmente ao local citado a fim de melhor estudar o meio de pacificação dessa tribo, a qual sempre saiu no tempo do Cel. Messias José de Souza de forma pacífica..." Fevereiro de 1945 — Supõe-se que sejam índios da região de Mãe Maria, dado o seu desembarço em conhecer as ferramentas recebidas, maneira de tratar os civilizados... pois, em tempos idos, privaram muito naquela região com os civilizados trabalhadores e mais pessoas de um senhor Messias." Nimuendaju (1946:20), que, de igual modo, registrou essas relações, afirmou que os

(4) — Certamente Belém, capital do Estado (N.A.)

(5) — Nenhuma indicação positiva obtivemos a respeito da época em que Messias de Souza manteve relações com os Gaviões.

Gaviões, não só permitiram a Messias explorar os castanhais de Mãe Maria, como também, possibilitaram a castanheiros estabelecer uma vila no local e a se aprofundarem pelo interior. Acrescentou ainda que, na época, uma expedição armada foi levada a efeito contra os mencionados índios, porém, sem alcançar êxito, possivelmente, porque o chefe era o próprio Messias, que não aprovara a ação planejada. (Id. 1946 : 20).

O S.P.I., em maio de 1937, iniciou suas atividades na região, estabelecendo um Pôsto de Atração no lugar Ipixuna, situado abaixo da cidade de Marabá, 8 horas de viagem em motor, o qual, conforme expressões contidas em uma mensagem do então Inspetor Regional do aludido Órgão, em Belém do Pará, teria a "finalidade de pacificar e assistir os índios Gaviões e garantir a área de terras de sua propriedade." (6)

A primeira visita efetuada pelos Gaviões ao Pôsto do Ipixuna, ocorreu quatro meses após sua instalação. E mais onze contatos amistosos tiveram lugar, desde essa data até janeiro do ano seguinte. No entanto, em uma visita subsequente, os

(6) — A área do Ipixuna, medindo uma légua de frente por duas de fundo, foi doada aos Gaviões pelo Governo do Estado do Pará, através da Lei n.º 2.035, de 9 de novembro de 1921. Entretanto, o aludido ato, foi revogado pelo Decreto n.º 11, de 7 de novembro de 1930, do Governo Revolucionário que então se iniciava. Em 1937, uma decisão judicial fêz a posse reverter aos Gaviões, a qual, aliás, desde 1924, vinha sendo arrendada a particulares pelo governo autor da doação. A reserva, por fim, a requerimento do S.P.I., foi permutada pela denominada Ambaua, situada entre os Igarapés Cagancho e Arumateuasinho, no atual Município de Tucuruí (Decreto n.º 252, de 9-3-943 do Governo do Estado do Pará). Subseqüentemente, a pedido ainda do S.P.I. foi concedida de modo definitivo aos Gaviões, a área denominada "Mãe Maria", entre os igarapés Flecheiras e Jacundá de Cima, medindo 2 léguas de frente por 4 de fundo. (Decreto n.º 4.503, de 28 de dezembro de 1943). Esta posse, atualmente, está sendo demarcada.

Gaviões encontrando o Pôsto desprovido de farinha e ferramentas, após demonstração de descontentamento, mataram um dos trabalhadores do mesmo. (7)

Em outubro de 1940, reiniciaram suas incursões no Tocantins, dispersando nos lugares Pedra Alta e Praquequara, situados no interior da própria reserva indígena, os garimpeiros que ali operavam. Em agosto do ano seguinte, atacaram Vila Braba, ferindo um castanheiro. E, em maio de 1943, mataram um morador de Mãe Maria. Em represália a este último ataque, o Delegado de Polícia de Marabá realizou contra eles uma expedição armada com 25 homens, desconhecendo-se seu resultado a despeito da investigação processada por solicitação do S.P.I.

A 2.ª Inspeção Regional do S.P.I., após requerer a permuta, anteriormente citada, da reserva do Ipixuna pela denominada Ambaua, situada no atual Município de Tucuruí, sob

(7) — Acerca dos primeiros contatos ocorridos entre os Gaviões e o Pôsto do Ipixuna, colhemos em um relatório assinado pelo Auxiliar do S.P.I., Raymundo Nonato Maia, o seguinte: "Data de muitos anos a luta entre índios e civilizados, extratores de castanha, nos lugares Mãe Maria, Cametau, Ipixuna, Vila Braba e Arumateua, situados na região que demanda do Igarapé Jacundá, limites do Pará com o Maranhão, Município de Marabá, ao último já no Município de Baião, próximo de Alcobaça... margem direita do rio Tocantins... O Pôsto Indígena Marabá, instalado no lugar denominado "Ipixuna", recebeu no dia 12 de outubro de 1937, 123 dias após sua instalação, a primeira visita dos Gaviões. Dessa data em diante, o Pôsto foi visitado constantemente por grupos de índios... Numa dessas visitas chegamos a contar mais de 80 índios, que permaneceram 4 dias no Pôsto. De 12 de outubro de 1937 a 4 de janeiro do corrente ano o Pôsto recebeu 12 visitas... num total calculadamente de mais de 250 índios. Entrou a época invernososa e os Gaviões recolheram-se às suas aldeias aguardando o verão para novas visitas. E a primeira teve lugar no dia 11 do corrente. O Pôsto estava desprovido de farinha, restando apenas algumas ferramentas. Eles, porém, sentindo fome pediram e até exigiram que lhes dessemos farinha... demonstrando certa contrariedade. Ao se retirarem convidaram o trabalhador Izidoro Barbosa a acompanhá-los até o aceiro do campo para presentear-lo com algumas flechas e arcos. Izidoro, confiante na camaradagem dos índios, com os quais vinha provindo desde o ano passado, aceitou o convite e, desarmado, acompanhou-os... sendo logo em seguida, encontrado atravessado por 8 flechas, em consequência, das quais 3 horas depois faleceu... Acresce ainda que um dos componentes do grupo de índios expressou-se regularmente em português."

pretexto de que a primeira, tendo se tornado uma zona de garimpagem, impossibilitava “qualquer tentativa de agricultura”, e facilitava “aos diaristas e até mesmo a funcionários do Pôsto, encarregados e auxiliares, a exploração de diamantes, e, em consequência, o abandono do serviço”, deslocou o Pôsto de Atração dos Gaviões para o Ambaua, no ano de 1944. É nomeado, então, encarregado do mesmo, o antigo posseiro da gleba, Aurélio Miranda dos Santos, que, de há muito, vinha sendo visitado cordialmente pelos Gaviões. Em janeiro do ano seguinte, Aurélio anunciava a chegada de “trinta índios completamente desconhecidos mas felizmente pacíficos.” No entanto, seis meses mais tarde, os Gaviões atacaram o Pôsto, matando aquêle funcionário com várias flechadas e golpes de borduna, e ferindo mais dois trabalhadores que, conseguiram fugir, rio abaixo. (8)

Logo após essa ocorrência, a Sede do Pôsto foi contornada por uma cêrca de arame farpado, a qual teria a finalidade de impedir um ataque de surpresa da parte dos Gaviões. Ao mesmo tempo passou a integrar a turma de pacificação do S.P.I., na qualidade de intérprete, um índio Krikati. Em outubro de 1946, os Gaviões reapareceram pacificamente no Ambaua,

(8) — As razões que teriam levado os Gaviões a assim procederem nunca foram suficientemente esclarecidas. Contudo, diversas pessoas que, na época, se encontravam no local, e com as quais estivemos em contato, aventaram, como causa mais provável, o fato dos Gaviões não haverem encontrado, no roçado do Pôsto, o milho plantado por ocasião da visita anterior e que havia sido colhido por aquêle encarregado, na suposição de que os índios somente voltariam no ano seguinte.

conduzindo mulheres e crianças. (9) Acontece que, dois meses mais tarde, já sem a presença do intérprete Krikati, um grupo de Gaviões, adultos, renovou a visita prometida anteriormente. Consoante o depoimento do então encarregado do Pôsto, não se mostraram satisfeitos com o material que lhes foi ofertado, e, conseqüentemente, mataram dois trabalhadores, de modo idêntico como procederam com Aurélio dos Santos no ano anterior, isto é, empregando flechas e bordunas.

No decorrer dos nove anos seguintes, os Gaviões, incursionaram três vêzes na região de Jacundá, e uma na localidade de Tauary : em janeiro de 1948, abril de 1951, setembro de 1953, havendo por ocasião desses ataques, matado, com flechas, 4 castanheiros e ferido outros três. Em contraposição, o Comissário

(9) — A respeito da aludida visita, extraímos de um relatório assinado pelo Inspetor Dorival Pamplona Nunes, datado de 16 de novembro de 1946, o seguinte trecho : “Os índios Gaviões fizeram seu acampamento de emergência a 300 metros da Sede do Pôsto. Dali, em número superior a 30 índios, no meio dos quais somente quatro vinham desarmados, no dia 15 de outubro pela parte da manhã, dirigiram-se à Sede de nossos serviços, e não obstante a cêrca de arame farpado, saíram de todos os lados inclusive pela margem do Tocantins. Em seu primeiro arranco cavavam a terra por baixo da cêrca e um a um se precipitavam para dentro da cêrca em direção à casa da Sede; enquanto isso, outros índios com paus e mesmo com as mãos... arrancavam os grampos de segurança da cêrca, bambeando os fios e dando passagem a 2 e até 3 de cada vez... depois que encontraram os terçados e machados romperam a cêrca em diversos pontos a golpes dos mesmos... tôdas as rêdes em número considerável cortaram os punhos tendo deixado somente a parte que serve para deitar, levaram a linha que estava no Pôsto. Estavam acampados próximo do Pôsto para mais de 60 índios, entre homens, mulheres e crianças. Notei que estavam grandemente necessitados de ferros de lavoura, especialmente com muita fome. No dia 5 de novembro, às 7 horas, na estrada de penetração, saíram pela terceira vez, êste ano, diversos índios Gaviões... em veloz carreira tomaram o rumo do Pôsto, onde nos presentearam com 114 flechas, 7 arcos, 7 borés de bambu, 4 maracás e 4 flautas de Pan, recebendo 60 machados, 96 facas tipo americana, 60 terçados 128, 60 terçados 127, 11 quilos de linha de pesca, 8 cachos de bananas, 16 sacos de 60 quilos cada, com farinha d'água, 22 terçados rádio, missangas, etc. Prometeram voltar muito breve a fim de levarem material porque as chuvas estão próximas e necessitam fazer seus roçados. Estas informações e mais outras, utilíssimas, obtive-as por intermédio do índio manso Krakaty de nome Lindolfo, intérprete na atração e pacificação dos Gaviões.”

de Polícia de Jacundá, em meados de 1948, atirou bombas e foguetes contra vários índios, no momento em que estavam recebendo brindes dos moradores da vila. E em janeiro de 1955, cerca de 20 índios Gaviões são chacinados por castanheiros no lugar Saranzal, no Município de Imperatriz, Estado do Maranhão, no momento em que estavam acampados à margem do rio.

O Pôsto do S.P.I., por sua vez, foi visitado amistosamente pelos Gaviões quatro vezes; em janeiro de 1948, novembro de 1949, dezembro de 1952, (10) setembro de 1953 e fevereiro de 1955. Nesta ocasião, estiveram aí acampados 83 silvícolas (homens, mulheres e crianças), havendo dois índios Pukóbye participado do contato, na qualidade de intérpretes.

Finalmente, no início de 1956, após haverem flechado 4 castanheiros na região do Ipixuna, surgiram, pacificamente, 84 índios Gaviões (homens, mulheres e crianças), em um povoado existente confronte à Sede do Município de Itupiranga, distante de Marabá, cerca de 4 horas de viagem, em motor. (11) Essa atitude, conforme mais tarde eles próprios esclareceram, foi originada por um conflito intergrupar, que os compeliu a abandonar seu aldeamento. Quatro meses depois dessa aproximação, o Agente do S.P.I. João Mota, o missionário dominicano Frei Gil Gomes, o sertanista Hilmar Harry Kluck e mais dois índios Krahô, travaram um contato mais íntimo com o bando, que, então, acampava em um ponto distante cerca de 4 dias de viagem da foz do rio Cametauasinho. Dentro de pouco tempo, volveram à margem do Tocantins, passando a viver em promiscuidade com os habitantes da região. Acontece que, além do S.P.I.

(10) — Na ocasião, um elemento estranho ao S.P.I., foi morto a flechas em uma praia situada em frente à cidade de Tucuruí, quando pretendia apoderar-se, à força, do arco e flechas de um dos índios.

(11) — O Município de Itupiranga, constituído com terras desmembradas do Município de Marabá, possuía, em 1960, 4.365 habitantes (urbanos — 1.556; rurais — 2.809). E Marabá, no mesmo ano, 20.332 habitantes (urbanos — 8.963; rurais — 11.369). — (I.B.G.E. — Serviço Nacional de Recenseamento).

não posuir Pôsto nas proximidades do lugar onde se estabeleceram, as condições do ambiente eram das mais precárias para obtenção de meios de subsistência, pois, somente algumas das famílias existentes possuíam pequenos roçados e para consumo próprio.

Em face a essa situação, em julho de 1956, 68 índios, em sua maioria enfermos, viajaram até a cidade de Marabá em busca de assistência, retornando, porém, logo em seguida para o local anterior. Em março do ano seguinte, em número de 62, quando acampados no lugar Oficina, situado, também, à margem do Tocantins, foram atacados de gripe, pneumonia e desintéria, sendo que, das 32 crianças existentes, 25 eram órfãs. Três meses mais tarde, já reduzidos a 37, resolveram, por fim, retornar à mata, e acabaram por se fixar à margem esquerda do rio Praia Alta, em um ponto distante, aproximadamente, 7 léguas do Tocantins onde hoje ainda se encontram impresados por arrendatários de castanhais.

O outro bando continuou incursionando pela região. Em abril de 1958 atacou o lugar Chiqueirão matando 2 pessoas. Em seguida, segundo informantes do próprio grupo, repeliu, sem perda de vidas, um ataque do grupo adversário, que já possuía armas de fogo, ferindo um dos assaltantes. Em setembro do mesmo ano, cerca de 70 indivíduos (homens, mulheres e crianças), acamparam pacificamente no Ambaua, mas, no início do ano seguinte, 12 índios adultos voltaram a hostilizar o Pôsto, disparando várias flechas contra seus empregados, sem, entretanto, atingí-los. Em seguida, cortaram a cerca de arame farpado e mataram dois animais de carga. (12)

(12) — Recentemente, revelaram que aquele ato de hostilidade foi executado em represália à morte de um elevado número de componentes do grupo, em consequência de um surto gripal que os atingiu, por ocasião do acampamento anterior.

No início de 1961, já reduzidos a 31 indivíduos, abandonaram o primitivo ambiente e vieram estabelecer-se no Pôsto do Ambaua, situado à margem direita do rio Tocantins, quase em frente a cidade de Tucuruí (antiga Alcobaça), ponto inicial da Estrada de Ferro do Tocantins e conhecido entreposto de castanha. (13) Ao contrário do que aconteceu com o grupo de Itupiranga, encontraram condições favoráveis quanto à subsistência, pois, no Pôsto do S.P.I. havia uma extensa plantação de mandioca, milho e banana (35 tarefas, aproximadamente, 87.800m²).

Após haverem aprendido a conduzir canôa, a remo, (14) passaram a visitar assiduamente a cidade de Tucuruí. Em face a êsses contatos e a convivência com o pessoal do S.P.I., dentro em pouco estavam utilizando diversos elementos estranhos a seu equipamento material, indumentária e alimentação, bem como aprendendo novas técnicas relativas ao processamento da economia. Hoje, já falam razoavelmente o Português, e estão familiarizados com o uso da moeda a ponto de realizarem, diretamente, a mór parte de suas transações comerciais.

As comunidades ora evidenciadas, parece que se reconciliaram, pois, visitas recíprocas têm ocorrido. Possivelmente, haverá ainda um grupo arredio, habitando um território situado entre os Estados do Pará e Maranhão, próximo à margem direita do rio Tocantins, e incursionando, esporadicamente, em terras do Município de Imperatriz, onde, conforme informação de

(13) — O Município de Tucuruí, em 1960, possuía uma população de 5.788 habitantes (3.358 urbanos e 2.230 rurais). — (I.B.G.E. — Serviço Nacional de Recenseamento).

(14) — Entre os *Timbira*, somente os Apinayé, em tempos históricos, praticavam a navegação (veja-se Nimuendaju, 1956:3; Galvão, 1960:31).

Frei Gil Gomes, um lavrador foi atingido, êste ano, no interior do próprio roçado, por flechas iguais às confeccionadas pelos Gaviões já identificados. (15)

ALDEIAS E POPULAÇÃO — Segundo informantes do grupo do Pôsto, os *Gaviões de Oeste* estavam divididos em oito aldeias, assim denominadas: Katioryty (algodão), Pamretzá (fruto), Parukindsó (cará de rama), Lonhure (côco de babaçu), *Kupá*, Porkapety (camaumeira), Krinhore (ladeira) e Kriamerêra (?). Os atuais componentes do grupo-local de Itupiranga serão os remanescentes das aldeias Katioryty e Pamretzá, e, êles próprios, os antigos componentes dos bandos Lonhure, Porkapety e Parunkindsó.

Conforme ainda os mesmos informantes, nesses antigos aldeamentos, dispunham suas habitações em círculo, com um grande espaço livre ao centro. (16) As casas, de dimensões variáveis, eram construídas no estilo ainda hoje adotado pelo grupo: plano retangular, cobertura de palha de duas águas (17), sem paredes laterais ou frontais e com jirais próximos ao teto, para colocação de utensílios; e os tapiris, com cobertura de palha, abobadada, apoiada em varetas, ou de duas águas, com extremidades quase atingindo o solo.

(15) — Como os demais *Timbira*, os *Gaviões de Oeste*, podem ser enquadrados no "núcleo leste" da Área Cultural Tocantins-Xingu (Galvão, 1960:23-32). Dentre o que constitui o *padrão básico* que caracteriza a área, vimos de observar na "cultura Gavião", o seguinte: aldeias com habitações dispostas em círculo; casas com cobertura de duas águas; residência coletiva (matrilocal); dormida em catres e esteiras; tecelagem de faixas de algodão; plumária pobre; trançado restrito a uma técnica (plaited); uso de um tipo de máscara de dança; emprêgo de arcos, flechas e bordunas como armas de caça, pesca e combate; festa do milho (?); corrida de tóras; predominância no cultivo da batata doce e cará; enterramento direto; xamanismo; ausência de narcóticos e estimulantes; e desconhecimento da cerâmica e navegação. Faltaram ser melhor investigados outros aspectos culturais, principalmente a respeito da organização familiar, religião e mitologia.

(16) — Um dos traços mais característicos da cultura *Timbira*, na opinião dos próprios índios, é a aldeia de forma circular. (Nimuendaju, 1946:37).

(17) — Na cobertura dessas se recusaram a aplicar a palha do inajá e foram colhêr palmas de babaçu, na outra margem do rio.

Os Gaviões, quer por ocasião de seus acampamentos temporários, ou a partir de quando se estabeleceram à margem do Tocantins, dormiam em esteiras de palha. Recentemente, passaram a usar também, rêdes de algodão de fabricação nacional, fornecidas pelo S.P.I. ou por êles adquiridas no comércio. Em suas antigas malocas, no entanto, deitavam também em cates, pois, várias dessas peças foram encontradas em palhoças abandonadas, pelo encarregado do Pôsto do S.P.I. quando da expedição que vem de realizar e citada no início da presente comunicação. Segundo ainda o mesmo informante, nesses leitos, de dimensões variáveis, poderiam deitar "várias pessoas", e compunham-se de um estrado de varas roliças, amarradas com cipó, sôbre duas travessas, apoiadas em quatro forquilhas fincadas ao solo à altura aproximada de 0,50 m.

A respeito da população dos Gaviões, não encontramos qualquer referência em Castelnau (1850) ou Coudreau (1897) e mesmo Nimuendaju (1946 : 18-22) não apresenta dados positivos referentes aos tempos históricos. Em documentos existentes no arquivo da 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I. o mais antigo registro, quanto à população dos *Gaviões de Oeste*, consta de um relatório datado de janeiro de 1938, e que está assim expresso : "Calculo que a tribo "Gavião" é composta de 3 a 4 mil índios divididos em diversas aldeias"... Um outro documento do mês de julho do mesmo ano continha a seguinte referência ainda mais exagerada : "essa grande tribo selvagem calculada em cerca de vinte mil índios." Ribeiro (1957 : 73), estimou a população Gavião entre 1.500 a 2.000 indivíduos. Tomando-se como base, porém, o número de silvícolas conferidos nos bandos que costumavam acampar à margem do Tocantins (entre 60 a 80 quando traziam mulheres e crianças), possivelmente, a população total das oito aldeias mencionadas pelos próprios Gaviões, cuja época de coexistência não podemos precisar, mas que não há de ter sido muito remota (o informante mais velho tem aproximadamente 40 anos), deveria, quando muito, oscilar entre 500 e 800 habitantes. De qualquer modo, sofreram uma sensível baixa demográfica, haja visto o número que hoje apresentam.

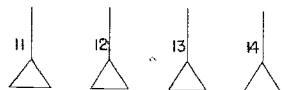
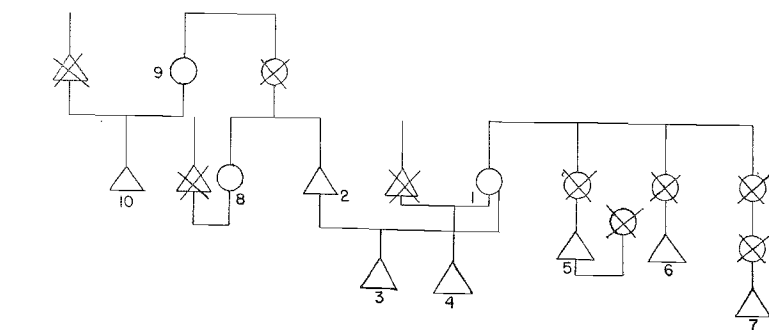
O grupo do Pôsto (informações dos índios Krotty e Kinaré), antes de seu deslocamento para a margem do Tocantins, se compunha de 74 indivíduos, (18) os quais residiam em cinco habitações distintas, abrigoando, cada uma, 21, 16, 15, 12 e 10 moradores, respectivamente. Em setembro de 1962, havia na aldeia sômente 21 remanescentes, assim distribuídos :

HOMENS		CLASSES DE IDADES		MULHERES	
16		40-44		5	
		35-39			
		30-34			
		25-29			
		20-24			
		15-19			
		10-14			
		5-9			
		0-4			
					TOTAL
					21

(18) — O bando era chefiado pelo índio Ionpiti. Após sua morte assumiu a liderança o irmão de sua mulher Krotty, que, agora, transmite ao filho de outra irmã de nome Kinaré.

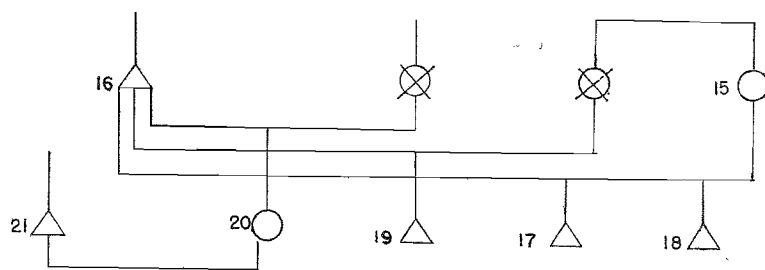
O total mencionado se dividia em duas malocas, residindo em cada uma, 14 e 7 pessoas, respectivamente, e dêste modo identificadas :

1.ª MALOCA



- | | |
|---|-----------------|
| 1 — Katuré | 8 — Parukré |
| 2 — Kontiaty | 9 — Katuty |
| 3 — Kroty (sobrinho do Kroty da 2.ª maloca) | 10 — Aionty |
| 4 — Paiaaré | 11 — Apiayon |
| 5 — Kinaré | 12 — Operé |
| 6 — Kemokré | 13 — Kroakatiti |
| 7 — Katiotekréti | 14 — Tiko |

2.ª MALOCA



- | | |
|--------------------------|----------------------------|
| 15 — Tiakoré | 19 — Porkreparé (Catarino) |
| 16 — Kroty | 20 — Tuery |
| 17 — Ruhyo | 21 — Tuno |
| 18 — Krekapêra (Antônio) | |

(19) — As convenções constantes das figuras acima foram extraídas do Guia de Campo del Investigador Social-III-1956 : 27. Os elementos de ns. 11 a 14 são órfãos cujo parentesco não foi elucidado.

Presentemente, só restam nesta aldeia 16 pessoas (14 do sexo masculino e 2 do sexo feminino), havendo, no transcurso de um ano se registrado o nascimento de um menino, falecido dois dos órfãos aludidos e se desagregado do grupo três mulheres. A primeira, viúva (n.º 8) não sendo tomada como espôsa, por nenhum dos homens do bando, no momento sem mulheres, e com os quais não possui parentesco próximo (veja-se a figura correspondente), foi coabitar com um índio Tembê, destribalizado, que reside na própria reserva do Pôsto; a segunda, também viúva (n.º 9), e que era a mulher mais velha do grupo (40 anos, aproximadamente), emigrou para a aldeia de Itupiranga em companhia do filho menor, onde, segundo informantes, é utilizada como “mulher pública”; e a última casada, (n.º 20), abandonou o marido, e foi, também, para Itupiranga, onde já se casou novamente. Encontram-se, portanto, no Ambaua, somente dois casais, estando quatro homens maiores de 15 anos, sem possibilidades de obter espôsas dentro do grupo. E não lhes será fácil, outrossim, pelo menos no presente, contrair casamentos intertribais, como, por exemplo, já ocorreu entre os Tariparé e Karajá (Oliveira, 1959 : 5-6). A despeito de existir uma aldeia Asuriní, distante do Ambaua, apenas a quatro horas de viagem, em canôa a remo (20), verifica-se na mesma, de igual modo que entre os Gaviões, a inexistência de mulheres disponíveis. Acresce ainda mais que, as índias Asuriní do Pôsto, já bastante sofisticadas, possivelmente em face a convivência com famílias de servidores do S.P.I., nos dias que decorrem, se limitam à execução de ligeiros serviços caseiros, e, dificilmente, poderiam adaptar-se ao trabalho duro ainda exigido das mulheres nas aldeias dos Gaviões.

Na aldeia de Itupiranga, a situação no aspecto ora em apreciação, no momento, se apresenta um tanto melhor, visto que, em um total de 26 pessoas, que se distribuem por cinco habitações, existem 5 casais, 1 viúva, 7 homens solteiros maiores de 15 anos, e 8 menores (7 meninos e 1 menina), estando incluídos entre estes três meninos órfãos Kayapó-Xikrín, do bando

(20) — Trata-se da comunidade localizada junto ao Pôsto Indígena do Trucará, sito à margem esquerda do Tocantins.

do rio Itacaiuna que, acompanhando o servidor do S.P.I. Jaime Pimentel, quando de sua recente visita ao local, acabaram por agregar-se aos Gaviões. Neste grupo, até bem pouco, ainda existia um caso de poliginia sororal, terminado com o falecimento de uma das espôsas.

APARÊNCIA FÍSICA E INDUMENTÁRIA — Os homens Gaviões são robustos. Sua estatura varia em torno de 1,70 m, havendo indivíduos com 1,80 m de altura. As mulheres, geralmente, são de estatura inferior.

Os Gaviões, de ambos os sexos, andavam nus, não usando qualquer tipo de cobre-sexo. Comumente pintavam o corpo de urucu ou de jenipapo e depilavam as sobrancelhas; e as mulheres também o cabelo da púbis e as axilas. Os homens exibiam pequenos batoques de madeira abaixo do lábio inferior, e cinturões de envira. Quanto à perfuração dos lóbulos das orelhas que, conforme referência de Nimuendaju (1946 : 21), provavelmente, era praticada pelos Gaviões, “os quais, porém, não usavam os grandes batoques dos Pukóbye e de outros Timbira,” não constatamos em nenhum dos indivíduos com os quais estivemos em contato. E também diversos informantes do S.P.I. que, em ocasiões anteriores, se avistaram com os Gaviões, quando lhes inquirimos a respeito, declararam não haver observado qualquer caso dessa deformação. No entanto, pode tratar-se de uma prática que tenha sido abandonada há muito tempo.

O cabelo, à maneira tradicional, é cortado à altura do meio da testa, como o “característico sulco Timbira”, ao redor da cabeça, ao contrário do que ainda registrou Nimuendaju (1946 : 21), atingindo até os ombros, ou ultrapassando-os, lateral e posteriormente.

Nos dias atuais, os índios do grupo do Pôsto, já usam roupas, habitualmente, e somente pintam o corpo por ocasião das festas. Os homens não exibem mais o batoque labial e cortam o cabelo rente, à moda dos neobrasileiros. A depilação, porém, continua sendo praticada. Os índios do grupo de Itupiranga, ainda cortam o cabelo à maneira tradicional, e, segundo informantes, no próprio ambiente andam despídos.

Os Gaviões somente exibem enfeites por ocasião das festas e competições esportivas. Os homens usam na cabeça um ornato de penas de arara (panaiapy), em forma de resplendor medindo, aproximadamente, 0,50 m de altura por 0,20 de largura na base, o qual é colocado sob o occipital, em sentido oblíquo, para baixo. Usam também uma testeira de palha de inajá, contendo riscos de cor vermelha, horizontais e verticais, com duas pontas saindo do meio da testa, obliquamente para cima. Nas corridas de toras este enfeite é colocado com as pontas voltadas para trás, sendo, na junção das mesmas, enfiada uma pena da ave que simboliza o grupo ou partido a que pertence o competidor (okré - gavião e pane - arara), conforme um informante do grupo. As mulheres usam um enfeite composto de uma passadeira tecida de algodão, de onde pendem, também, fios de algodão com borlas nas extremidades (kráta). É colocado sobre a cabeça em sentido antero-posterior, sendo complementado por outro ornato, composto de duas cabaças unidas entre si por cordões de palha, e que é pôsto, transversalmente, sobre os ombros.

INSTRUMENTOS MUSICAIS — A buzina com cabaça de ressonância (hohinty) e o maracá (kotái), são os instrumentos mais usados pelos Gaviões. A buzina, compõe-se da cabaça com abertura circular na base e tubo de taboca, contendo dois orifícios (em cima e lateralmente), atingindo o centro daquela. O tubo é revestido por um trançado de talas de arumã, de cores preta e amarela clara, sendo amarrado por fios de algodão cujas pontas contêm borlas. Os exemplares identificados mediam 0,40 a 0,50 m de comprimento, 0,30 e 0,40 de cabo, e 0,60 a 0,80 a circunferência da cabaça. O maracá é composto de uma cabaça inteiramente fechada, no interior da qual são colocadas sementes para produzir som, com um cabo de madeira o qual ultrapassa a cabaça em toda sua extensão. Medem, aproximadamente, 0,30 m de comprimento por 0,40 de circunferência.

Possuem ainda os Gaviões como instrumentos musicais, a flauta de Pan (onhy), confeccionada de tubos de taboca, unidos entre si por fios de algodão, e contendo, geralmente, de 3

a 8 tubos com comprimento variável de 0,20 até 0,45 m, e mais os seguintes cuja descrição extraímos de uma relação existente no arquivo da 2.^a Inspetoria Regional do S.P.I. : a) flauta singela de taboca, medindo 0,268m de comprimento por 0,02 de diâmetro; b) buzina feita de um gomo de taboca, aberta em uma das extremidades, tendo na outra um tampão de cêra, com um minúsculo orifício, próximo ao furo lateral, medindo 0,11 m de comprimento por 0,05 de diâmetro; e d) apito feito de um osso ôco de gavião, com furo lateral na parte superior e prêso por uma fita de envira e uma volta de torçal de algodão tinto de urucu, para ser pendurado ao pescoço.

CESTARIA — Os Gaviões atuais, aplicam na cestaria somente o trançado sobreposto (plaited). Na confecção dos cestos para condução de carga pesada, que são feitos com a forma cilíndrica e cujas dimensões variam entre 0,30 a 0,80 m de altura por 0,25 a 0,40 m de diâmetro, aplicam a tala de arumã, sendo o trançado fechado em sentido vertical-horizontal.

As esteiras (katy), côfos (kahá) e abanos (pretiôre), são feitos comumentes com palha de inajá, sendo as tiras do trançado dispostas em diagonal. As esteiras possuem dimensões variáveis, aproximadamente, entre 0,60 e 1,10 m de comprimento, por 0,40 a 0,60 m de largura, e, geralmente, são unidas lateralmente para formar uma peça dupla. Utilizam-nas para dormir, proteção contra o sol nas malocas e secagem de sementes. Os côfos, de forma circular, medem cêrca de 0,30 por 0,20 m e são usados para guardar miudezas.

A máscara de dança (kroahô), é encimada por uma haste de madeira, sendo, a parte superior que cobre a cabeça, feita de palha de tucumã, com um trançado fechado, em diagonal, contendo, frontalmente, desenhos de côr preta de contôrno losangular, e o corpo composto de franjas de palha de bacabeira. O único exemplar que identificamos, mede 1,70 de comprimento por 0,60 m de largura.

Após se estabelecerem junto ao Pôsto do S.P.I., os Gaviões aprenderam, também, a confeccionar, em talas de arumã, grandes paneiros com orifícios de forma cilíndrica, os quais utilizam para conduzir castanha.

ARMAS — Os Gaviões têm, como armas tradicionais, o arco (hué), a flecha (krúa) e a borduna (akô).

Na confecção do primeiro empregam o pau d'arco e encordoamento de fibra de tucum, o qual envolve a haste desde o centro até a base (fixação temporal). Os exemplares que foram últimamente coletados, são de secção transversal plana-convexa, ornamentados com tufo de penas, e medem entre 2,00 e 2,25 m de comprimento. (21)

As flechas são de cana de ubá ou de taquari, principalmente da primeira. Possuem emplumação arqueada, ponta de taquara, lanceolada ou de osso farpeada, à maneira de arpão (êste tipo é o mais comumente confeccionado). Vários exemplares identificados medem entre 1,74 e 1,985 m de comprimento, 0,20 a 0,25 m de emplumação, 0,34 x 0,06 a lâmina de taboca, e de 0,07 a 0,12 m a ponta de osso. (22)

(21) — Nimuendaju (1946: 66), ao fazer referência a um arco Gavião da coleção privada de Estevão de Oliveira (antigo diretor do Museu Emílio Goeldi), medindo 2,54 m de comprimento, acrescenta que, os arcos desta tribo, entre os tipos conhecidos na América do Sul, somente são ultrapassados em comprimento, pelos dos Kaingang, de São Paulo, e Bakairí, do Xingu. Recentemente, tivemos ocasião de constatar a existência na coleção do mencionado Museu, de treze arcos Gaviões, coletados em 1902 no lugar Tauary Grande, feitos de pau d'arco, de secção transversal concava-convexa, e medindo entre 2,03 a 2,70 m de comprimento (Cod. 4.111, Reg. 1.050 a 1.072), sendo o último, portanto, ainda mais longo que o exemplar identificado por Nimuendaju. Lane (1959: 81), afirma que os arcos dos Kaingang excedem, em média, 2,50 m, o mais curto 2,42 e o mais longo 2,65 m. — Schmidt (1942: 77), ilustra um arco Bakairí medindo 2,17 m (a figura de 0,155 m representa 1/14 do natural). Levi-Strauss (1948: 335), diz, porém, que, no Alto Xingu, as peças mais longas eram encontradas entre os *Naravúte* (tribo extinta; veja-se Ribeiro, 1957: 86), e mediam 2,60 m de comprimento. Holmberg (1948: 458) e Metraux (1949: 233), apontam como os arcos mais longos da América do Sul e talvez do mundo, os dos Sirionó (tribo de Leste da Bolívia), medindo, conforme o primeiro autor de 2,20 a 2,50 m e atingindo alguns 3,00 m; e consoante esclarece o segundo, de 1,80 a 2,70 m e com o máximo de 3,60 m.

(22) — Tomando-se por base os registros de Metraux (1949: 233), referentes às tribos da América do Sul e Lane (1959: 8) acêrca dos Kaingang, podem-se incluir, também, as flechas dos Gaviões entre as mais longas confeccionadas por índios localizados em território brasileiro.

As bordunas empregadas pelos Gaviões por ocasião de seus ataques pelo Tocantins e encontradas junto às vítimas, eram de confecção grosseira, secção elíptica, sem cabo definido, a mediam, aproximadamente 1,00 m de comprimento. Os Gaviões, aliás, nunca exibiram tipos de bordunas semelhantes às bem elaboradas peças dos Ramkókamekra-Canelas ou Apinayé, constantes das ilustrações de Nimuendaju (1946 : 278 e 1956 : 94, respectivamente), desde quando iniciaram seus contatos com o Pôsto do Ambaua em 1944.

ECONOMIA — A caça, no antigo "habitat", realizavam com o emprêgo do arco e flechas, e, também, de cães. Segundo eles próprios, utilizavam, ocasionalmente, bordunas, contra animais de grande porte, já feridos a flechas. Hoje, os índios do Pôsto já abandonaram essas armas tradicionais e estão caçando somente com espingardas, tipo cartucheira. E na fase de estio que, no baixo Tocantins, ocorre, geralmente, entre maio e novembro, caçam quase que, exclusivamente à noite, pelo sistema denominado "espera" (23) cuja técnica lhes foi transmitida pelos empregados do S.P.I. As caçadas diurnas se restringem, agora, à época das chuvas quando aquêlo processo se torna impraticável. Os cães só mui raramente são ainda utilizados e dos 20 que existiam na aldeia, há dois anos passados, apenas restam três, e os Gaviões não demonstram interêsse em adquirir outros dêsses animais.

Atualmente a caça é a atividade exercida mais intensamente pelo grupo, e havendo, ainda, relativa abundância de animais silvestres no ambiente onde se encontram, vêm conseguindo, os Gaviões, excedentes apreciáveis, os quais, além de

(23) — Pelo processo aplicado no Tocantins, e provavelmente, em tôda a Amazônia, o caçador arma a rêde entre duas árvores em frente a uma *comedia* (lugar onde caem frutos silvestres procurados pela caça), e aí permanece deitado, munido de uma espingarda e lanterna, na expectativa da aproximação de um animal, para focar a lanterna e, incontinenti, disparar a arma.

obterem preços compensadores, são facilmente comerciados na cidade de Tucuruí. Desta forma é que, estão apurando o suficiente, para aquisição da maior parte dos artigos importados, que já habitualmente utilizam e consomem. (24)

A pesca efetuavam com o arco e flechas ou vadeando pelas margens dos cursos d'água, munidos de paus de ponta aguçada, com os quais iam espetando os peixes, encontrados nas fendas existentes, e enfiando-os em uma envira amarrada à cintura. Processos comumente aplicados por vários outros grupos tribais, como sejam o de represar os igarapés ou de usar o timbó, não são mencionados pelos Gaviões do Pôsto. Modernamente, estão pescando apenas com anzóis de aço e fios de algodão ou "nylon" adquiridos no comércio local. Pelo menos, no presente, é uma atividade de importância secundária para o grupo, e a exercem somente com o objetivo de adquirir algo para suplementar a alimentação. Aliás, no baixo Tocantins, a pesca, pelo processo que ora utilizam, só é praticada, com relativo rendimento, na época da vazante do rio, que ocorre entre maio e novembro. (25)

(24) — Os animais mais freqüentemente caçados são a paca (*Cuniculus paca*), veado vermelho (*Mazama americana*), queixada (*Tavassu pecari*), caititu (*Tayassu Tacaju*), anta (*Tapirus terrestris*), cotia (*Dasyprocta aguti*), jaboti (*Testudo tabulata*), maracajá (*Felis pardalis*), mutum (*Crax sp.* — *Mitu sp.*) e jacu (*Penelope sp.*). — Em setembro de 1962, colhemos, a respeito dos preços obtidos pelos Gaviões do Pôsto, na venda de animais e peles silvestres os seguintes dados: Paca, unidade — Cr\$ 1.000,00; mutum, unidade — Cr\$ 800,00; azulão, unidade, — Cr\$ 600,00; cotia, unidade — Cr\$ 300,00; carne fresca de caititu, queixada, anta e veado, quilo — Cr\$ 150,00; idem, salgada — Cr\$ 200,00. Pele de maracajá, unidade — Cr\$ 12.000,00; idem, de caititu, unidade — Cr\$ 300,00; de queixada, unidade — Cr\$ 150,00; e de veado, o quilo — . . . Cr\$ 200,00. Os citados índios, vem conseguindo manter uma paridade entre o preço da caixa de cartuchos carregados (25 unidades), que é o artigo que eles mais utilizam, e o da paca, que é a "caça" mais procurada pelos consumidores.

(25) — Os peixes mais comuns são o curimatã (*Prochilodus sp.*), acari (*Plecostomus sp.*), piranha (*Serrasalmus sp.*), traíra (*Hoplias sp.*), piau (*Leporinus sp.*), pacu (*Mylenae*), surubi (*Pseudo platistoma sp.*), dourada (*Brachyplatystoma flavicans*), e tucunaré (*Cichla ocellaris*).

Os Gaviões aplicam ainda na suplementação alimentar produtos coletados como o inajá, açai, bacaba, tucumã, macaúba, palmito e a castanha do Pará (*Bertholletia excelsa*), sendo que esta, também, já é colhida para fins comerciais. Contudo, os castanhais do Ambaua, não apresentam densidade apreciável, e os resultados financeiros alcançados com a venda deste produto, lhes tem sido inferiores ao que estão conseguindo através da caça. (26)

A horticultura, se constitui num dos fatores mais importantes na subsistência dos Gaviões. (27) Em seus primitivos roçados, segundo informantes do grupo, de há muito que vinham utilizando terçados e machados de ferro; e em acôrdo com o que registramos em páginas anteriores, as visitas que realizavam aos Pôstos do S. P. I., tinham, efetivamente, como objetivo

(26) — Em 1961, os Gaviões do Ambaua, venderam 20 hectolitros de castanha pela importância bruta de Cr\$ 20.000,00. No ano seguinte, os castanheiros nada produziram. Em 1963, apuraram Cr\$ 75.000,00 com a venda de 50 hectolitros. Os índios de Itupiranga, em 1960, venderam 34 hectolitros pela importância bruta de Cr\$ 61.400,00, pagaram despesas de condução no valor de Cr\$ 16.900,00 e apuraram um líquido de Cr\$ 44.500,00. A produção do Ambaua, dada sua proximidade do entreposto, não é onerada por despesas de transporte.

(27) — Nimuendaju (1946 : 57), afirma ser errôneo classificar, genericamente, os *Jê* como caçadores e coletores, e, quando muito, um grupo, ocasionalmente, efetuando uma pequena cultura sob influência *Tupi*. Acrescenta que, Ribeiro, Pohl e Snethlage, diziam que, os *Timbira*, quando de seus primeiros contatos com a civilização já praticavam um bem definido sistema de cultura. Presume que, as quatro espécies anotadas por Ribeiro, não esgota o número de seus cultivados. E com referência aos *Ramkókamekra*, enumera 15 espécies tradicionais, e 13 adquiridas através de seus contatos com os neobrasileiros (1946 : 58). — Steward e Faron (1959 : 377) no entanto, assim se expressam a respeito: "Uma provável causa de mudança pre-histórica, causada por migração, é a dos índios *Jê*, do Leste para o Centro e Noroeste do Brasil, os quais, tinham sido caçadores nômades e coletores nas regiões áridas, antes de se mudarem para a floresta de galeria que possibilita a horticultura tropical. Na floresta de galeria, eles adotaram a cultura das aldeias vizinhas da floresta tropical, estabeleceram-se em maiores e mais estáveis comunidades, e, também desenvolveram uma estrutura sócio-cultural mais complexa."

principal, a obtenção dessas ferramentas. (28) No entanto no Ambaua, a participação dos índios na abertura dos roçados tem sido ocasional, pois, o trabalho continua sendo executado pelo pessoal do S. P. I. (29) Desta forma, o grupo vem se limitando, apenas, a efetuar o plantio e colheita das espécies trazidas do antigo aldeamento. Plantam, principalmente, a batata doce (*Ipomea batatas*), o cará (*Discorea sp.*), incluindo a variedade vulgarmente denominada "cará de rama", e o inhame (*Alocasia indica*); e também o *kupá* (*Cissus sp.*) — citado por Nimuendaju (1946 : 59) como sendo, tradicionalmente, a mais importante espécie cultivada pelos *Timbira* —, a taioba (*Colocasia antiquorum*), mandioca brava (*Manihot utilissima*), milho "mole" (amarelo claro e preto), amendoim, abóbora, banana, algodão, urucu e mamão. A mandioca brava, a despeito de ser ainda significativo seu consumo pelos Gaviões do Pôsto, teve logo seu cultivo negligenciado por parte do grupo, provavelmente, por ser a espécie mais abundantemente plantada no local, e em quantidade que vem superando suas atuais necessidades. O milho "duro", que é cultivado pelo S. P. I. vem sendo, também, consumido pelos Gaviões que, entretanto, ainda não abandonaram o plantio daquelas espécies tradicionais.

(28) — Os Gaviões, nessas ocasiões, apenas conduziam machados, terçados e facas. Foices, enxadas e outras ferramentas iam abandonando pelas trilhas.

(29) — Conforme esclarecemos, anteriormente, quando os Gaviões se estabeleceram no Pôsto, no início de 1961, encontraram um roçado de 35 tarefas (87.800 m², na base de 2.500 m² cada tarefa), que havia sido plantado em fins de 1959, e contendo mandioca brava, milho e banana. Os roçados abertos em 1960, 1961 e 1962, medem, respectivamente, 16, 20 e 40 tarefas. Segundo informantes do Pôsto, a área utilizada pelos Gaviões para o plantio de suas antigas espécies, tem variado entre 6 e 8 tarefas. Um informante de S. P. I. que esteve, recentemente, na aldeia de Itupiranga, encontrou ali, "um roçado medindo calculadamente entre 7 e 8 tarefas, porém, muito mal derrubado". Este grupo não é assistido por Pôsto do S. P. I. e, ao que tudo indica, suas lavouras, ultimamente, não vem atendendo suficientemente suas necessidades, haja visto que um índio do grupo do Ambaua, regressando de uma visita ao local, declarou que, no roçado de Itupiranga, "quase nada havia para comer." O maior empenho na caça e coleta, com objetivos comerciais, de igual forma ao que se verifica no Ambaua, pode estar sendo a causa dessa deficiência.

No plantio das espécies tuberosas, fazem uma cova de, aproximadamente, 0,50 m de diâmetro, e depois de afofarem a terra, colocam duas ou três batatas, ou de quatro a seis talos de maniva, em sentido vertical ou ligeiramente inclinados, deixando as pontas emersas após o fechamento da abertura. Na semeadura do milho e do amendoim utilizam um pau de ponta aguçada (hoje também ferros de cova ou terçados), com o qual vão abrindo buracos e colocando de 4 a 6 grãos, calcando-os em seguida com os pés.

Em seu processamento tradicional, a mandioca brava era ralada em pedras ou raízes de paxiúba; na atualidade estão utilizando ralos feitos de pedaços de latas, furados a prego. A massa é espremida com as mãos para a extração do tucupi (que não é aplicado na alimentação), deixada secar ao sol em jiraus cobertos de fôlhas, sendo depois acondicionada em cestos; e, finalmente, desmanchada em mingaus ou aplicada na confecção de beijus. A farinha, que já conheciam em decorrência de seus contatos com os neobrasileiros, somente agora aprenderam a fabricá-la, com o pessoal do S.P.I., utilizando os implementos do Pôsto, e comumente usados para êsse fim: fornos de cobre e ferro, côchos de madeira, ralos de metal, peneiras e tipitis. Já processam não só a farinha d'água, feita de massa puba, como a mista, que consiste na mistura da puba com a mandioca ralada. A massa é revolvida, socada no pilão, peneirada, prensada no tipiti, e, em seguida, levada ao forno para torrar.

O milho, é assado na palha, transformado em pipocas pelo revolvimento dos grãos, em cestos, misturados com areia quente ou socado no pilão para a fabricação de beijus.

Os Gaviões não conhecem a cerâmica, como os demais Timbira e os Kayapó (Willey, 1949 : 153). Assim sendo, prepararam a alimentação em moquens e em fogueiras, utilizando espetos e forquilhas. No pilão, que é usado para a confecção de mingaus pelo revolvimento da massa com um pau (mão de pilão), em água contendo pedras aquecidas. E, principalmente, no forno de terra (tokiá), cujo processo consiste no aquecimento de várias pedras em uma fogueira, e após varridos os

restos da mesma, no chão quente são colocados um ou mais bolos de massa de mandioca, milho, amendoim e castanha ou fatias de carne cobertas com massa, embrulhados em fôlhas de sororoca ou bananeira. Sobre os embrulhos são postas as pedras quentes, sendo tudo coberto com terra. Pelo mesmo processo cozinham também batatas doces, carás e inhames, porém não embrulhados. (30)

Atualmente, os índios do Pôsto, no preparo da alimentação, já utilizam, também, utensílios de metal, e, em conseqüência, os processos antigos de cozimento estão sendo abandonados. E a farinha, que geralmente só era consumida quando faltavam raízes para a fabricação de beijus, vem tendo seu consumo aumentado. (31)

Os Gaviões, desconheciam o sal, fumo e bebidas fermentadas. Atualmente, entre os índios do Pôsto, o sal já se tornou condimento indispensável à alimentação; e, também, outros comuns à cozinha brasileira como a cebola, alho, pimenta-do-reino, cominho e gorduras enlatadas, vem sendo por êles aplicados. Já consomem também, habitualmente, o café, açúcar, leite em pó e condensado, pão de trigo, carne e peixe em conserva; e fósforos e querosene, para iluminação. Um dos indivíduos do grupo já fuma o *Nicotiana tabacum*, habitualmente.

Compete aos homens confeccionar os objetos de madeira, de penas e os cestos. As mulheres processam a fiação do algodão e a tecelagem das faixas, em cujo trabalho empregam somente as mãos. Cooperam no acabamento das peças de madeira, como sejam, na abertura, a fogo, da cavidade de pilões e pintura das

(30) — Nimuendaju (1956 : 31) diz ser o forno de terra de uso generalizado entre os Jê do Nordeste e do Centro do Brasil. O método acima descrito é semelhante ao aplicado pelos Apinayé e Kayapó-Gorotire (veja-se Nimuendaju, 1956 : 29-31 e Diniz, 1962 : 7, respectivamente).

(31) — Pessoalmente, no início de 1961, suprimos o Pôsto de Ambaua, com 12 sacos de farinha (720 kgs.). O produto quase não foi consumido pelos Gaviões, que preferiam desmanchar a mandioca para prepará-la à maneira tradicional. Agora, segundo o encarregado do Pôsto, fabricam, em média, 60 quilos de farinha, semanalmente, para consumo de 20 pessoas.

toras de corrida. Improvisam, também, pequenos cestos de confecção tôca, para guardar miudezas, preparam a comida e conduzem, nas viagens os utensílios domésticos, em cestos, nas costas.

Na pesca sômente atuam elementos do sexo masculino. E a caça, embora seja uma ocupação predominantemente masculina, é praticada, esporadicamente, pelas mulheres que, utilizando o terçado, caçam pequenos animais, como o tatu, cotia, paca e jaboti.

A coleta se constitui em atividade mista, aparecendo, porém, de forma mais acentuada, o trabalho feminino. Para colher os frutos, os homens sobem nas árvores com os pés apoiados em uma passadeira de envira (peconha); as mulheres, porém, derrubam as árvores a golpes de terçado.

Nas lavouras compete aos homens efetuar a preparação do terreno que consiste na brocagem, derrubada e queimada, pois, conforme um informante do grupo de Ambaua, o encoivramento não é uma prática tradicional. No plantio se empregam ambos os sexos, sendo as colheitas efetuadas quase que exclusivamente pelas mulheres.

Na fabricação da farinha de mandioca, que, conforme já dissemos, só recentemente passou a ser executada pelos Gaviões do Pôsto, ocupam-se as mulheres em colocar as raízes nágua (pubeiro), ralar, misturar, socar e peneirar a massa. Os homens se empregam na extração da lenha, preparação do fogo, e na prensagem da massa nos tipitis, que é feita pela tensão exercida por pedras amarradas em um fio, pendente de uma das extremidades da peça. Na torração do produto se revezam homens e mulheres.

Os menores participam, também, ativamente do trabalho do grupo, providenciando o abastecimento d'água, rachando lenha, limpando as habitações e cooperando na preparação da comida.

Presentemente, o trabalho em cooperação, na comunidade do Pôsto, se restringe ao plantio dos roçados. No que diz respeito às colheitas, fabricação de farinha, caça, pesca e coleta, daquilo que se destina à subsistência, os dois grupos domésticos

existentes funcionam distintamente, aplicando o produzido em proveito próprio, embora ainda colaborem entre si. Quanto ao dinheiro apurado pelo indivíduo, com a venda do excedente que produziu, êle o aplica a seu modo. (32)

FESTAS — Os Gaviões do Pôsto ainda costumam cantar e dançar quase tôdas as noites, e, quando há luar, se estendem até a madrugada.

Quanto às festas tradicionais, nenhuma tivemos ocasião de presenciar. Limitamo-nos, portanto, a registrar, a respeito, o que nos foi relatado por um informante do S.P.I. : “A festa ocorreu no mês de abril, por ocasião da colheita do milho verde, e para a mesma prepararam grande quantidade de comida. Durante cêrca de 8 dias os índios dançaram e cantaram do alvorecer até alta noite. A intervalos, mulheres serviam comida aos participantes, e arrefeciam o calor dos dançadores lançando-lhes água sôbre o corpo. No final, realizaram uma corrida na qual conduziam no ombro uma *tôra de madeira*, nela tomando parte, distintamente, homens e mulheres.” (Alguns exemplares que tivemos ocasião de avistar, mediam entre 0,50 a 0,60 m de comprimento por 0,35 a 0,40 m de diâmetro). Segundo informantes índios, nos antigos aldeamentos, essas competições, não raro, degeneravam em conflitos armados, e a luta havida entre os atuais componentes dos grupos do Ambaua e do Itupiranga, teria se originado por ocasião de uma *corrida de toras*. (33)

(32) — Em abril de 1963, como produto da venda de castanha, animais e peles silvestres, possuíam os índios abaixo discriminados, do grupo do Ambaua, as seguintes importâncias em dinheiro: Paiaré — Cr\$ 31.000,00; Kinaré — Cr\$ 30.000,00; Kontiaty — Cr\$ 20.000,00; Krotty e filho — Cr\$ 19.000,00; Tuno — Cr\$ 14.000,00; e Kremokkré — Cr\$ 12.500,00.

(33) — Nimuendaju (1946 : 136), diz que a *corrida de tôras* é o esporte tradicional, não só dos Timbira, incluindo os Apinayé, mas, provavelmente, dos Jê Centrais e do Noroeste. Lowie (1946 : 503), menciona, entre os Xerênte, um “tipo de tôra” para ser carregado por dois homens ao mesmo tempo. Quanto aos Kayapó do Norte e do Sul, esclarece haver uma evidência clara quanto a ausência de uma competição dessa natureza, sendo, porém, indicada a existência de algo equivalente, que consiste no dançar ou transportar uma tôra por sucessivos grupos de homens (Lowie, 1946 : 505, ct. Pohl, 1832 : 37; Kissenberth 1911). Banner (1961), que esteve cêrca de 20 anos entre os Kayapó-Gorotíre, e Diniz (1962), nada mencionam a respeito.

CICLO DE VIDA — A mulher Gavião, quando a gestação se mostra avançada, cessa sua rotina de trabalho diário. Por ocasião do parto, é assistida por outra mulher que, com os dentes, secciona o cordão umbelical, o qual, em seguida, é amarrado com uma envira ou fio de algodão. O recém-nascido é colocado no leito junto com a mãe, depois de enxuto e pintado com urucu. A mãe, a princípio, carrega a criança no colo, apoiada em uma faixa de envira (tipoia), e, quando mais crescida, em cesto, nas costas.

O casal, logo após o nascimento, inicia a “couvade”, a qual se prolonga, aproximadamente, entre 10 e 15 dias, durante os quais, ambos permanecem quase sempre deitados (o homem com a cabeça amarrada por uma faixa de envira), e somente comendo alimentos vegetais. Um dos índios do Pôsto, há pouco tempo, já no fim do resguardo, e na volta de um passeio, se lamentou por não ter abatido um veado, que avistara a curta distância, pois, “se o fizesse seu filho morreria.” A parturiente, mesmo depois de ultrapassada aquela fase, ainda por dois ou três meses, não costuma se afastar do ambiente doméstico, limitando-se a executar ligeiros serviços caseiros.

As mulheres, a crermos em suas próprias expressões, costumam guardar uma dilatada abstinência sexual, após o nascimento de um filho. Justificam a atitude, dizendo não lhes ser favorável conceber outra vez, enquanto o filho ainda necessite de seus cuidados maternos permanentes. E, às vezes, ainda provocam o aborto, batendo fortemente no ventre, principalmente por desavenças conjugais.

Nenhum caso de infanticídio foi constatado, até hoje, na aldeia do Pôsto. Entretanto, tal prática, comum entre inúmeros grupos tribais, também é admitida pelos Gaviões, quando, por exemplo, uma criança, ainda na fase de amamentação, havendo sua mãe falecido, não encontra outra mulher em condições de criá-la. Conforme informantes do mesmo grupo, isso ocorria, mais freqüentemente, em fases de crise; e, aliás, um dos órfãos existentes, nos declarou que, sua mãe, falecida por ocasião do último surto gripal que atingiu o grupo, foi enterrada junto com um filho recém-nascido.

Entre os Gaviões, pelo que observamos, nenhuma diferença parece ocorrer entre o tratamento dispensado a filhos verdadeiros e a órfãos. E, também, nenhuma reprimenda ou castigo corporal, verificamos durante nossa estada entre os mesmos. Um elemento do S.P.I. que, desde o estabelecimento do grupo no Ambaua, vive junto aos Gaviões, nos informou que, somente em uma oportunidade presenciou um pai bater no filho, de 5 anos de idade, que, em estado febril, se recusava a ingerir medicamentos. Aliás, Nimuendaju (1946 : 111), quando fala do tratamento dispensado pelos Timbira às crianças, assim se expressa : “Órfãos... A morte do pai não afeta, materialmente, o *status* social dos filhos, pois, os órfãos, são tratados com muita amabilidade tal qual os da própria descendência. Todos os Timbira, pelo que tenho observado, tratam suas crianças com grande paciência e carinho, não gritando com elas e quase nunca as batendo.”

As relações extramaritais são comuns, entre os Gaviões, em ambas as aldeias. E, nos dias atuais, possivelmente, em face a carência de mulheres, a prática do “adultério”, é mais freqüente por parte das espôsas.

Afirma Nimuendaju (1946 : 135) que, antigamente, todos os Timbira praticavam o enterramento secundário, o qual, entre os Canelas, ocorria “três ou cinco anos após o primeiro”. Segundo o mesmo autor (1946 : 135), os mencionados índios, até uns 20 anos passados (talvez por volta de 1920), ainda mantinham o enterramento secundário, em casos individuais, pelo menos para os *hamrén*. (34) E que, os Apinayé, até 1925, ainda observavam essa prática. Os Gaviões de ambos os grupos, no entanto, após se haverem estabelecido à margem do Tocantins, nenhuma cerimônia dessa natureza realizaram. O estabelecimento do grupo de Krotty junto ao Pôsto é recente, pois, data de janeiro de 1961; o bando de Itupiranga, porém, ainda se acha no mesmo ponto onde se localizou há seis anos passados. Quanto a uma possível prática dessa modalidade, em época anterior, nenhum esclarecimento positivo obtivemos.

(34) — *Hamrén* — ordem honorífica que compreende cinco grupos não relacionados (veja-se Nimuendaju, 1946 : 47 e Crocker, 1958 : 8-9).

Os Gaviões, costumam fazer os cemitérios próximos aos roçados, e, periodicamente, os estão limpando. No sepultamento direto, o cadáver é enterrado tão logo se verifica o falecimento, sentado com os joelhos unidos ao peito, em uma cova de contorno circular, medindo cerca de 1,50 m de profundidade, forrada com esteiras e, em cuja base, foram socados previamente pedaços de batata doce, cará, mandioca e outras espécies tuberosas. Em seguida, são postos também junto ao mesmo, seus objetos de uso pessoal, com exceção das armas, que passam a ser propriedade do seu parente mais próximo. Sua cabeça, é então coberta com uma esteira de palha, e, após o fechamento da sepultura, outra esteira é colocada sobre a mesma.

Na ocasião do falecimento, todos os presentes choram, gritam, batem-se e se atiram ao solo. Vários dias após o enterro, os parentes voltam a chorar junto à sepultura, espargindo-a com água. Como sinal de luto ambos os sexos costumam cortar o cabelo rente.

O índio Gavião, quando mata, também se submete a várias restrições. Faz uma corôa na cabeça, escarifica o corpo, e durante cerca de 5 dias (informação de índios do Pôsto), fica sem trabalhar, não se alimenta de carne e ingere somente produtos vegetais.

XAMANISMO — Ambos os grupos não possuem mais pajés. O do Ambaua, faleceu sete meses após o bando se estabelecer junto ao Pôsto. Segundo informantes do S.P.I., êle dava franca demonstração de contrariedade quando o encarregado do Pôsto ia aplicar medicamentos nos outros silvícolas, e, com gestos, tentava impedir que os pacientes aceitassem o tratamento, no que, entretanto, nunca foi atendido. Êle próprio, no entanto, quando adoeceu, não aceitou medicação e acabou falecendo, abandonado, em um tapiri, um tanto afastado das malocas.

A respeito do modo pelo qual executava sua função de curandeiro, em casos que foram observados pelos mesmos informantes, êle se restringia a cuspir e esfregar o corpo dos doentes e aplicar-lhes fortes massagens na região abdominal.

LÍNGUA — Nimuendaju (1946 : 21), ao se referir à língua falada pelos Gaviões de Oeste, frizou que, "exceptuando algumas informações insuficientes registradas por Moura em 1896 e Manuel da Matta em 1912, nada mais foi dito a respeito da mesma." Presentemente, temos apenas a mencionar que, índios Krikatí, Pukóbye e Krahô, que foram utilizados pelo S.P.I., na qualidade de intérpretes, conseguiram estabelecer entendimentos satisfatórios com os mesmos.

Os Gaviões de Oeste, eram os únicos Timbira que, até bem recentemente, ainda se mantinham isolados. Seus constantes movimentos, através da orla tocantina, faziam supor que constituíam uma tribo bastante numerosa, haja visto as estimativas a respeito. No entanto, quando, circunstâncias adversas, originadas, principalmente por conflitos internos, compeliram os dois grupos identificados a abandonar o primitivo "habitat", já não somava, cada um, uma centena de indivíduos; e a partir de então, a depopulação que sofreram, em conseqüência de epidemias, foi das mais acentuadas, pois, conforme evidenciamos, estão chegando quase à extinção. Ao mesmo tempo, em face a essa baixa demográfica, à ação do S.P.I., e a natureza e intensidade de suas relações com os neobrasileiros, apresentaram, em curto espaço de tempo, significativas mudanças sócio-culturais.

Tal situação, contrasta, por exemplo, com a dos Canelas, que, a despeito de um século de convivência com a sociedade nacional e dos choques armados com a frente pastoril, segundo Crocker (1958), ainda em fins de 1957, se mantinham em relativo isolamento geográfico, bem estruturados em seus padrões tradicionais, dependendo muito pouco do mercado regional de alimentos, para consumo ou produção, e apresentando um aumento populacional de 27% em 22 anos. É ainda o mesmo Crocker, que vem de relatar (35) um sério conflito armado, havido, êste ano, entre os citados índios e criadores de

(35) — Palestra realizada no Museu Goeldi, em agosto de 1963.

gado da região de Barra do Corda, no Maranhão, os quais enviaram uma expedição punitiva contra as aldeias Canelas, como represália a ações predatórias dos indígenas, porém, sem alcançar o êxito desejado, em face à forte reação destes. Conforme suas próprias expressões, o incidente teria sido consequência de um "movimento de caráter nativista", originado no seio da tribo.

Os Gaviões, a despeito de terem sido beneficiados com uma extensa área de terras (castanhal Mãe Maria), em caráter definitivo, até hoje, ainda não a ocuparam. Um dos grupos se acha em uma diminuta reserva, e o outro, imprensado por extrativistas, em terras devolutas. Acreditamos, portanto, que, a providência mais oportuna a ser tomada pelo S.P.I. a favor dos Gaviões, no momento, deveria consistir na instalação de um Pôsto naquela propriedade com a subsequente localização dos atuais remanescentes em torno do mesmo. Deste modo, é provável, que aquêles bandos, já aparentemente reconciliados, viessem encontrar uma fórmula para coexistir pacificamente, ou talvez para se reunirem em um só grupo, que, sob uma assistência eficiente e contínua, poderia, em futuro próximo, apresentar aumento populacional e mesmo se reorganizar, pelo menos em parte, em seus moldes tradicionais, tal qual tem ocorrido, em situações semelhantes, com outras pequenas unidades tribais. (36)

(36) — Diniz (1963), falando a respeito dos Kayapó-Gorotire, afirma que "o decréscimo populacional foi o principal fator que abalou a estrutura social desse subgrupo." Em contraposição, mostra que o sensível aumento demográfico, ora verificado, em consequência da imigração de elementos oriundos de outros sub-grupos Kayapó Menkranotíre, Xikrín e Kubén-Kran-Kegn), está promovendo a "reorganização da Comunidade do Pôsto Gorotire em termos tribais". M. F. Simões (Notas de Campo, 1963), observa, também, que os Awetí e os Yawalapiti, do Alto Xingu, os quais, em 1947, se encontravam quase extintos, hoje, em consequência de uma proteção oficial eficiente, estão reorganizados e apresentando um considerável aumento populacional.

SUMMARY

In the presente article, the author concentrates on the indians called "Gaviões de Oeste", who made up a division of "Timbira Orientais", whose ancient settlements were between 3°-5° latitude South on the right bank of the Tocantins River and the headwaters of the Capim.

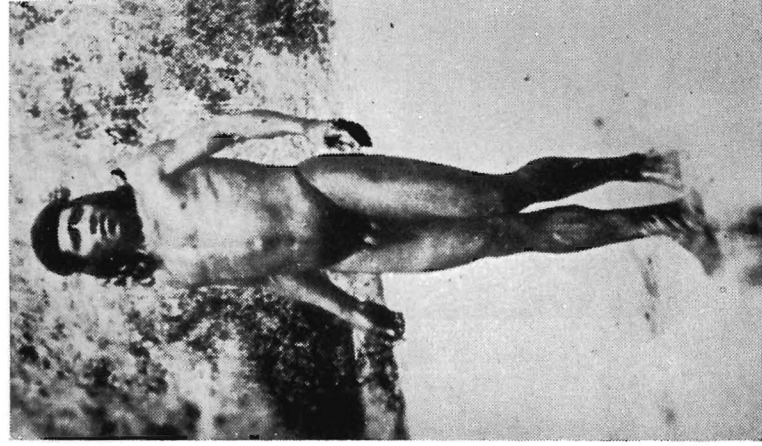
In the beginning are presented details since the separation of the aforementioned indians, from the ancient nuclear tribe, in the middle of the last century, until the present date. Following are described aspects of this culture, gleaned on the occasion of field work, realized in September of 1962, among local group, assisted by a post of the "Serviço de Proteção aos Índios", located on the right banks of the Tocantins River, almost across the river from the town of Tucuruí (Formally Alcobaça).

Finally observations are made about the present situation of these indians after two years of permanent contact with neo-Brazilians.

BIBLIOGRAFIA

- BANNER, HORACE
1961 — O Índio Kayapó Em Seu Acampamento. Bol. Museu Goeldi. — N. S. — Antropologia, n.º 13 — Belém.
- CASTELNAU, FRANCIS DE
1850 — Expedition dans les parties centrales de L'AMERIQUE DU SUD. — Tomo Deuxième — Paris.
- CROCKER, WILLIAM
1958 — Os Índios Canelas de Hoje — Nota Prévia — Bol. Museu Goeldi, N.S., Antropologia, n.º 2 — Belém.
- DIAS, CATARINA VERGOLINO
1958 — Marabá, Centro Comercial da Castanha. — Revista Brasileira de Geografia — Tomo XX — Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. — Rio.
- DINIZ, EDSON SOARES
1962 — Os Kayapó-Gorotire — Aspectos Sócio-Culturais do Momento Atual. — Bol. Museu Goeldi, N.S., Antropologia, n.º 18 — Belém.
1963 — Convívio Interétnico e Aglutinação Intergrupar — Uma Visão da Comunidade do Pósto Indígena Gorotire — Comunicação apresentada na VI Reunião da Associação Brasileira de Antropologia, em São Paulo. (No prelo).
- GALVÃO, EDUARDO
1960 — Áreas Culturais Indígenas do Brasil; 1900-1959. — Bol. Museu Goeldi, N.S., Antropologia, n.º 8 — Belém.
- HOLMBERG, ALLAN
1948 — The Siriono — Handbook of South American Indians. — Vol. 3 — Bul. 143 — S.I. — B.A.E. — Washington.
- IBGE — SERVIÇO NACIONAL DE RECENTEAMENTO
1960 — Recenseamento Geral do Brasil — Estado do Pará — Sinopse Preliminar do Censo Demográfico. — Rio.
- LANE, FREDERICO
1959 — Arcos e Flechas dos Índios Kaingãng do Estado de São Paulo — Revista do Museu Paulista, N.S., — Vol. XI — São Paulo.
- LEVI-STRAUSS, CLAUDE
1948 — Tribes of Upper Xingu — Handbook of South American Indians. — Vol. 3 — Bul. 143 — S.I. — B.A.E. — Washington.
- LOWIE, ROBERT, H.
1946 — The Northwestern and Central Ge — Handbook of South American Indians. — Vol. 1 — Bul. 143 — S.I. — B.A.E. — Washington.

- MALCHER, J. M. DA GAMA
1958 — Tribos da Área Amazônica — SPVEA — Setor Coordenação e Divulgação — Belém.
- METRAUX, ALFRED
1949 — Weapons — Handbook of South American Indians. — Vol. 5 — Bul. 143 — S.I. — B.A.E. — Washington.
- NIMUENDAJU, CURT
1946 — The Eastern Timbira — Translated and Edited by Robert H. Lowie — University of California Press — Berkeley and Los Angeles.
1956 — Os Apinayé — Bol. Museu Goeldi — Tomo XII — Belém.
- OLIVEIRA, ROBERTO CARDOSO
1959 — A Situação Atual dos Tapirapé — Bol. Museu Goeldi, N.S., Antropologia, n.º 3 — Belém.
- RIBEIRO, DARCY
1957 — Línguas e Culturas Indígenas do Brasil — Educação e Ciências Sociais — Vol. 2, n.º 6 — Rio.
- SCHMIDT, MAX
1942 — Estudos de Etnologia Brasileira — Brasileira — Série 5.ª — Vol. 2 — São Paulo.
- STEWART, JULIAN H. E FARON, L. C.
1959 — Native Peoples of South America — New York — Toronto — London.
- UNION PANAMERICANA
1956 — Guia de Campo del Investigador Social — III — Primeira Parte: Antropologia Social — Primer Fascículo — Washington.
- WILLEY, GORDON H.
1949 — Ceramics — Handbook of South American Indians — Vol. 5 — Bul. 143 — S.I. — B.A.E. — Washington.



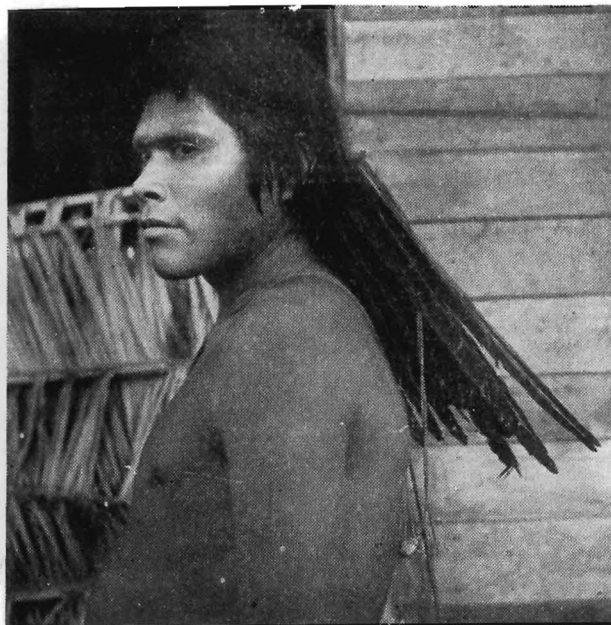
Índios Gaviões na praia do Ambaúva — Foto S.P.I., 1946



*Maloca Gavião — Aldeia do Ambaua
Foto E. Arnaud — 1962*



*Maloca Gavião — Aldeia do Ambaua
Foto E. Arnaud — 1962*



Índio Gavião com ornamento típico
Foto E. Arnaud — 1962



Índia Gavião com ornamento típico
Foto E. Arnaud — 1962



Chefe Kroty e esposa Tiakoré
Foto E. Arnaud — 1962



Processamento da mandioca (situação atual)
Foto E. Arnaud — 1962